

CIRCO NO PANTANAL: O ENSINO DA ARTE EM UMA ESCOLA DAS ÁGUAS

Rogério Zaim-de-Melo*, Luís Bruno de Godoy**
Deyvid Tenner de Souza Rizzo***, Marco Antonio Coelho Bortoleto****

RESUMO

O estudo objetiva relatar e analisar a experiência do ensino da arte circense para alunos de uma escola das águas no Pantanal, bem como ampliar o acervo cultural desses alunos, oportunizando vivências de atividades circenses a partir do projeto de extensão *O circo vai a uma escola das águas*, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. O registro dos dados foi realizado por meio de um diário de campo, e o registro das experiências, por meio de desenhos elaborados pelas crianças. O estudo de campo foi implementado entre os meses de junho e novembro de 2019, com a participação de 49 crianças, com idade entre 5 e 12 anos. Os resultados indicam que oportunizar vivências de atividades circenses ampliou significativamente o acervo cultural de um grupo de crianças que residem numa localidade isolada. Ademais, consideramos que a “magia do circo” contribui para a educação corporal, fomentando um modo mais atrativo de educação física, que valoriza a cultura e, por conseguinte, a educação corporal e estética.

Palavras-chave: Circo. Educação Física. Escola das águas.

* Doutor em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: 0000-0002-0365-6000. Correio eletrônico: rogeriozmelo@gmail.com

** Doutorando em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Faculdade de Ciências Aplicadas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel em Ciências do Esporte pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: 0000-0003-0857-9937. Correio eletrônico: godoy.luisb@gmail.com

*** Doutor em Ciências do Esporte pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Administração de Fátima do Sul. Professor Adjunto do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: 0000-0002-9622-9816. Correio eletrônico: deyvidrizzo1@gmail.com

**** Pós-doutor pela Universidade de Lisboa (Portugal) e pela Universidade de Manitoba (Canadá). Doutor pela Universidade de Lleida (Espanha). Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professor Associado da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: 0000-0003-4455-6732. Correio eletrônico: bortoleto@fef.unicamp.br

CIRCUS IN THE PANTANAL: TEACHING ART IN A “ESCOLA DAS ÁGUAS”

ABSTRACT

The study aims to report and analyze the experience of taking circus art to students of a “escola das águas” in the Pantanal, from the extension project “The circus goes to escola das águas” developed at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). This is a qualitative research with ethnographic principles. Data collection was based on the field log book and recording of experiences through drawings made by the children. This field study was carried out between the months of June and November 2019, when 49 children aged between 05 and 12 years took part. The results indicate that the opportunity of experiencing circus activities expanded the students’ cultural collection, in a place that isolation is a main characteristic. We believe that the “magic of the circus” also contributes to body education by promoting a more attractive form of physical education, which values culture and, therefore, body and aesthetic education.

Keywords: Circus. Physical Education. Escola das águas.

CIRCO EN PANTANAL: LA ENSEÑANZA DEL ARTE EN UNA ESCUELA DE AGUAS

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo informar y analizar la experiencia de enseñar arte circense a los estudiantes de una “escuela de aguas” en Pantanal, así como ampliar el patrimonio cultural de estos alumnos, brindando oportunidades para vivencias de actividades circenses, a partir del proyecto de extensión “El circo va a una escuela de aguas”, desarrollada por la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Es una investigación cualitativa de carácter etnográfico. El registro de datos se realizó a través de un diario de campo y el registro de experiencias a través de dibujos creados por los niños. El estudio de campo se realizó entre junio y noviembre de 2019, con la participación de 49 niños, con edades comprendidas entre los 05 y los 12 años. Los resultados indican que brindar oportunidades para las experiencias de actividades circenses expandió significativamente la herencia cultural de un grupo de niños que residen en un lugar de importante aislamiento/distancia. Consideramos que la “magia circense” también contribuye a la educación corporal promoviendo una forma más atractiva de educación física, que valora la cultura y, por tanto, la educación corporal y estética.

Palabras clave: Circo. Educación Física. Escuela de aguas.

1 RESPEITÁVEL PÚBLICO

É possível imaginar uma criança que não conheça o circo? Que não tenha tido a oportunidade de presenciar um espetáculo circense? Que nunca tenha sor-

rido com um palhaço, ou sentido o “frio na barriga” ao ver a *performance* de um trapezista? Seria isso possível em pleno século XXI?

Nossa resposta é “Sim!”, pois, no Pantanal sul-mato-grossense, maior planície alagada do mundo, detectamos um grupo de crianças nessa condição. Mais precisamente, alunos e alunas das chamadas escolas das águas, instituições de ensino situadas em locais de acesso limitado que permanecem isoladas durante o período da cheia dos rios que compõem o Pantanal, de acordo com o chamado ciclo das águas (ZERLOTTI, 2014). Dada essa particular realidade, “[...] durante esse período, as crianças residem na unidade escolar, pois se torna muito difícil (em alguns casos impossível) o trajeto casa-escola.” (ZAIM-DE-MELO; DUARTE, SAMBUGARI, 2020, p. 3), construindo uma relação específica com o processo educativo que evidentemente faz parte de um contexto maior e que também se mostra restrito no que diz respeito ao acesso à cultura e, pontualmente, à arte do circo.

As escolas das águas são, na maioria, multisseriadas, distribuídas em quase todo o Pantanal, e seus alunos são filhos de isqueiros, de lavradores e de funcionários das fazendas de gado da região. O município de Corumbá (MS) conta com onze escolas nessas condições, atendendo a um total aproximado de 360 alunos, dependendo da evasão escolar, da ação migratória dos pais em busca de emprego, dentre outros motivos. A escola mais próxima localiza-se a 80 km e a mais distante a 400 km do centro urbano, exigindo no mínimo três horas de barco e, em alguns casos, o deslocamento em avião (ZAIM-DE-MELO, 2017).

Para aqueles que vivem na área urbana da cidade, é mais fácil o acesso aos serviços essenciais (educação, saúde, etc.), bem como às atrações artístico-culturais, como o Festival América do Sul Pantanal, que traz apresentações de música, dança, cinema e circo anualmente; o tradicional “banho de São João”; e o carnaval cultural (MACHADO; BRATICEVIC, 2017; ZAIM-DE-MELO, 2019;). Já para aqueles que vivem no campo, nas margens dos rios, como é o caso dos alunos das escolas das águas, o acesso a esses bens culturais é seguramente mais restrito e quase sempre acontece no espaço escolar.

Desse modo, o presente artigo relata a experiência de levar a arte circense para alunos de uma escola das águas, a partir do projeto de extensão *O circo vai a uma escola das águas*, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mais especificamente, a pesquisa descreve o momento que criança se depara com o circo, participando de vivências em atividades circenses e buscando identificar como essa experiência educativa foi recebida por estes. Assim, os objetivos foram estes: descrever o encontro das crianças com o circo; ampliar o acervo cultural; oportunizar vivências, atividades circenses; descrever o impacto da atividade circense.

O estudo foi realizado na Escola Jatobazinho, uma extensão da Escola Polo Municipal Rural Paraguai-Mirim, situada na região do Paiaguás (uma das oito subdivisões do complexo do Pantanal), às margens do Rio Paraguai, distante 90 km ao norte da zona urbana corumbaense. O acesso a essa instituição somente é possível de barco, com uma viagem de cerca de três horas de duração, ou em avião de pequeno porte, em 30 minutos. Segundo o Instituto Acaia (2018), a escola se encontra numa região de difícil acesso, apresentando “[...] isolamento geográfico e indisponibilidade de serviços públicos básicos, como transporte, saneamento, energia elétrica, saúde, educação e assistência social.” (INSTITUTO ACAIA, 2018, p. 53). Uma

condição que, ao mesmo tempo que tornou a realização do estudo mais difícil, revelou ser um desafio motivante para os pesquisadores participantes.

Figura 1 – Vista aérea da Escola Jatobazinho



Fonte: Instituto Acaia (2020).

A Escola Jatobazinho resulta de uma parceria¹ entre o Instituto Acaia Pantanal e a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá (MS), cabendo à administração municipal oferecer os professores e uma parte da merenda escolar. O Instituto Acaia, por outro lado, tem autonomia para atuar na gestão da escola, nos programas de formação continuada e, conseqüentemente, na ação dos educadores (professores e monitores) (INSTITUTO ACAIA, 2018).

A escola funciona em regime de alternância, intercala períodos de internato (as crianças permanecem na escola durante a semana) com períodos em casa (finais de semana e quinze dias nos finais de bimestre), oferece o ensino fundamental I com todas as séries, ao contrário das outras escolas que são multisseriadas. O regime de alternância permite que as “crianças das águas” possam frequentar a escola, uma vez que a grande distância e o difícil acesso às moradias inviabilizam o ir e vir diário à escola; para muitos, sem a alternância, o trajeto casa/sala de aula significaria uma viagem de muitas horas, sem contar com imprevistos e adversidades climáticas (HOSHINO, 2018).

Para o desenvolvimento das atividades a escola conta com cinco salas de aulas, sala de multimídia, sala de informática, espaço coberto para realização de atividades, ateliê de artes, cozinha pedagógica, piscina, horta, sala de leitura e brinquedoteca (INSTITUTO ACAIA, 2018).

Para o desenvolvimento das aulas de prática da Educação Física a escola possui um campo de futebol *society*, uma piscina, um barracão coberto e um amplo espaço com árvores. No segundo semestre de 2019, a escola contou com uma monitora (formada em Educação Física), responsável pelas aulas, que implementou os conteúdos estruturantes da Educação Física (jogos, esporte, ginástica, dança e lutas), com maior ênfase na brincadeira. As aulas eram realizadas três vezes por semana em cada turma.

¹ A parceria é baseada em apoio entre a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá e o Instituto Acaia. Nasceu de uma iniciativa que gostaria de prestar auxílio à Escola Polo Paraguai-Mirim, mas a Prefeitura solicitou a possibilidade de criação de mais uma escola em um local onde havia crianças que precisavam do acesso à educação e não tinham como ser atendidas. Assim nasceu a Escola Jatobazinho (OLIVEIRA, 2018).

2 PREPARANDO A CHEGADA DO CIRCO

Na fase inicial do projeto *O circo vai a uma escola das águas*, foram incluídas algumas etapas: discussão da diferença conceitual e prática entre arte circense e atividade circense; levantamento do conhecimento que as crianças da Escola Jatobazinho possuíam do circo; preparação de pequenos espetáculos que seriam apresentados; e elaboração das vivências de atividades circenses, sendo estas vinculadas ao “espetáculo”. Vejamos como se deu esse processo.

2.1 O que abordaremos: a arte do circo ou atividades circenses

É um fato que o circo faz parte da história da humanidade há séculos (VIVEIROS CASTRO, 2005), consolidando uma linguagem artística que dialoga com múltiplas expressões estéticas, culturais, técnicas e sociais, configurando espetáculos que frequentam os menores vilarejos, bem como os grandes centros urbanos brasileiros desde as primeiras décadas do século XIX (LOPES; SILVA, 2014). Assim, o circo representa uma arte multifacetada que ocupa inúmeros espaços, estabelecendo uma ponte entre distintos modos de produção, apresentando um amplo acervo criativo (TUCUNDUVA; BORTOLETO, 2019).

Em muitos desses lugares, principalmente nas pequenas cidades no interior do Brasil, o circo foi indispensável para a democratização da cultura e o acesso a ela, viabilizando o contato com a arte a todos os públicos. A diversidade do circo de antes e de hoje ajudou a construir um legado simbólico que contempla a palhaçaria, as acrobacias, os malabaristas e um sem-fim de outras realizações artísticas, engendrando, ademais, formas criativas de gestão capazes de ocupar a vastidão do território nacional, superando inúmeras adversidades, incluindo a dificuldade de acesso (SILVA; ABREU, 2009). De fato, “Hoje em dia as práticas circenses se encontram além do espaço do circo (estrutura), em grupos artísticos de rua, teatros, cinema, apresentações contemporâneas híbridas, entre outras, porém suas práticas e seus saberes ainda são pouco difundidos.” (CORDEIRO, 2012, p.10).

Nas últimas décadas, vimos diferentes esferas da sociedade se apropriarem do circo, possibilitando que sua prática deixasse de ser exclusivamente realizada por artistas profissionais. Com isso, temos observado uma expansão das práticas circenses como forma de lazer, recreação e, o que nos interessa sobremaneira, como meio para se atingir fins educativos e sociais (BORTOLETO; ONTAÑON; SILVA, 2016; MONTANINI; RIBEIRO; BORTOLETO, 2016).

É, portanto, com o propósito educativo que abordamos o circo neste estudo, considerando algumas especificidades que emergem no diálogo com a Educação Física escolar (TAKAMORI *et al.*, 2010). Por isso, entendemos que é oportuno empregar o termo “atividades circenses”, anteriormente debatido, como “[...] um conjunto de práticas cujos conhecimentos inspiram-se na cultura e nos saberes circenses, e cuja ressignificação e sistematização revelam a lógica pedagógica do profissional de Educação Física.” (BORTOLETO, 2014, p. 62).

Os integrantes do projeto são preparados para interpretar os componentes históricos, políticos e sociais do circo. Ávilla (2008, p. 6) já dizia que o “território circense” se insere em iniciativas políticas e conquista territórios sociais, identifi-

cando-se como uma cultura, “[...] demonstrando sua natureza e importância para o mundo moderno.”

Ayala e Zaim-de-Melo (2012) refletiram, junto a profissionais de Educação Física, sobre proposta pedagógica e didática das atividades circenses como conteúdo possível na Educação Física escolar. Nesse bojo, advogamos a importância de problematizar a atividade circense na escola, para ampliar a leitura de mundo das crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos sobre a produção do conhecimento relacionada com as práticas corporais e o corpo.

2.1.1 O ensino das atividades circenses no contexto escolar

É notável o aumento significativo na literatura de evidências da implementação exitosa das atividades circenses na Educação Física escolar, com inúmeros relatos de experiências por todo o território brasileiro (ONTAÑÓN; BORTOLETO; DUPRAT, 2013).

Uma produção que tem apontado importantes avanços nos processos pedagógicos (BARRAGÁN; BORTOLETO, 2014; CARDANI *et al.*, 2017; DUPRAT; BORTOLETO, 2007; SOUZA JUNIOR, 2018) e nos esforços para melhorar a formação profissional em Educação Física nessa área (MIRANDA; AYOUB, 2015; TUCUNDUVA; BORTOLETO, 2019; ZAIM-DE-MELO; GODOY; BRACCIALI, 2020; ZAIM-DE-MELO; RIZZO; GOLIN, 2019).

Coincidimos, portanto, que o ensino das atividades circenses na escola pode contribuir para os objetivos propostos no que tange à Educação Física escolar, uma vez que possibilita à criança e ao adolescente contributos específicos no campo da expressão corporal, da ludicidade (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011), permitindo ainda o acesso a esse patrimônio cultural da humanidade (DUPRAT; PÉREZ-GALLARDO, 2010).

Nesse período, e visando contribuir para o processo de sistematização das atividades circenses como conteúdo nas aulas de Educação Física, vimos diferentes contribuições que, além de indicarem a enorme diversidade de práticas circenses, organizaram classificações (taxonomias) que orientam o planejamento de propostas pedagógicas, advertindo sobre um crescente reducionismo no que se refere ao repertório circense e o que se está ensinando nas escolas (BORTOLETO, 2017; DUPRAT; PÉREZ-GALLARDO, 2010). As referidas classificações fundamentaram o planejamento das atividades do projeto *O circo vai a uma escola das águas*, como trataremos mais adiante.

3 SOBRE O MÉTODO DO TRABALHO

Considerando os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa qualitativa, dialogando com alguns princípios etnográficos (BORGES; CASTRO, 2019). Assim, embora saibamos que para um estudo etnográfico é necessária uma imersão prolongada na realidade, para o presente estudo devemos advertir dos limites, incluindo o de uma visita abreviada à escola. Não obstante, foram considerados outros princípios, como o de estranhar o comum e o de aproximar-se do estranho (PERALES FRANCO, 2018), buscando adensamento na perspectiva do nativo. Com isso, salienta-se que o estudo não se converte numa simples descrição, posto que

busca uma interpretação “densa” da complexidade estrutural por meio da imersão no campo. Tratamos, pois, de observar o fato de que “[...] fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...]” (GEERTZ, 2013, p. 7).

Nesse estudo de campo, participaram 49 crianças, sendo 27 meninos e 22 meninas, todos matriculadas na Escola Jatobazinho, com idade entre 5 e 12 anos. A todos os participantes foi apresentado um Termo de Assentimento Livre Esclarecido sobre a sua participação no estudo. O TCLE e a autorização de uso da imagem foram encaminhados para os pais e/ou responsáveis que assinaram e autorizaram a participação das crianças. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS, sob o parecer consubstanciado n.º 1.804.082, CAAE: 60115516.6.0000.0021.

O estudo foi realizado entre os meses de junho e novembro de 2019. As visitas aconteceram uma sexta-feira por mês, com a participação do pesquisador principal e de mais três acadêmicos “artistas circenses”. O Porto Geral de Corumbá era o ponto de saída da viagem de barco, com destino final à Escola Jatobazinho e pernoite nesta. Foram realizadas seis visitas à escola com a realização de espetáculos de circo para as crianças, professores e demais presentes. No dia seguinte, sábado, os alunos da escola vivenciavam as atividades circenses, dando ênfase àquelas que haviam presenciado nas apresentações.

A *trupe* foi composta por acadêmicos dos cursos de Educação Física, Psicologia e Direito, que fazem parte do Grupo Los Pantaneiros, um projeto de cultura fomentado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esportes (PROECE) da UFMS. Os números foram criados coletivamente pelos integrantes do grupo. Cada número teve a duração aproximada de 20 minutos, utilizando o seguinte material: bolinhas, claves e aros para malabares, cubo gigante, monociclo, pernas de pau, rola-rola, tecido de ligante, lira acrobática e cordas.

Para o levantamento dos dados utilizamos dois instrumentos: registro sistemático das observações em um diário de campo e registro das experiências por meio de desenhos realizados pelas crianças. A opção do registro em um diário de campo foi devido à possibilidade de registrar as observações e impressões dos pesquisadores sobre o contexto particular da escola e das atividades realizadas, buscando captar informações que os documentos, as entrevistas e a filmagem não transmitem (MAGNANI, 1997). Com respeito aos desenhos, “[...] acredita-se que os desenhos contêm sentidos e sentimentos construídos pelas crianças a partir do que elas vivenciam na sua singularidade e no social.” (ZAIM-DE-MELO, 2017, p. 70).

O diário de campo era preenchido ao término das apresentações e após as crianças terem finalizado as vivências práticas. Tratamos, desse modo, de mobilizar o pesquisador, o mais brevemente possível, para um registro detalhado das ações, cuja observação foi facilitada, uma vez que o pesquisador principal acompanhou todas as atividades “externamente”, com a maior liberdade para as observações e posteriores registros. Por outro lado, os desenhos foram realizados pelas crianças antes da primeira visita à escola, solicitados pelos professores regentes, e entregues posteriormente ao pesquisador, e depois da última visita da *trupe* à escola.

4 INTERVALO: PAUSA PARA A PIPOCA

4.1 O imaginário dos alunos e alunas da Escola Jatobazinho sobre o circo

Preliminarmente às visitas à escola e buscando subsidiar o planejamento das apresentações e atividades do projeto, solicitamos aos alunos e alunas que desenhassem, em uma folha de papel sulfite, um circo e tudo o que conheciam sobre essa arte. Assim, 44 alunos que estavam presentes na escola durante essa semana fizeram essa atividade.

Dos 44 desenhos realizados, apenas seis expressaram elementos diretamente relacionados ao circo: quatro representavam malabaristas (FIGURA 1) e dois desenhos aludiam à lona do circo. Questionados sobre onde eles viram o circo e os elementos desenhados, as respostas indicaram a televisão e os semáforos da cidade.

Figura 2 – Malabarismo na pracinha



Fonte: registrado pelos autores.

Nesse sentido, cabe mencionar que Corumbá é um corredor internacional de viajantes da América Latina, oriundos de vários países (Chile, Peru, Colômbia, dentre outros), que passam pela cidade em direção a outras regiões brasileiras. Muitos deles se utilizam da arte circense, mais especificamente do malabarismo, com intuito de arrecadar dinheiro nos semáforos e assim seguir viagem (ESPÍRITO SANTO *et al.*, 2016). Um dos semáforos mais utilizados para essas arrecadações fica na região central, próximo ao maior parque infantil do município, o que pode explicar o relato dessas crianças da Escola Jatobazinho.

De posse da análise dos desenhos, planejamos as intervenções artísticas e atividades, observando a classificação das modalidades circenses e sua distribuição em unidades didático-pedagógicas, como sugerem Duprat e Pérez Gallardo (2010). Evidentemente, foram considerados os saberes dos acadêmicos que participavam do projeto. Dessa forma, propusemos o seguinte:

a) intervenções artísticas:

- palhaços malabaristas (número de palhaçaria com monociclo e malabarismo com bolinhas, aros e claves);
- trio acrobático (figuras em trios, parada de mão, acrobacias de solo);
- cubo (malabarismo com o cubo gigante) e tecido acrobático (subida em tecido aberto, figuras estáticas e quedas);
- corda dupla (entrada e saltos) e lira (subida, figuras com a lira perto e longe do corpo e queda);

- rola-rola (parada de cabeça e malabarismo com três bolinhas);
- perna de pau (dança em dupla);
- Bernardo (tributo a Manoel de Barros) - um pequeno espetáculo com acrobacias em grupo e malabarismo.

Figura 3 – Cubo gigante



Fonte: registrado pelos autores.

b) vivências de atividades circenses:

- malabares com tule e bolinhas (bloco manipulação);
- acrobacias em duplas e trios: bandeiras, pirâmides, rolamentos (bloco acrobacia - solo/equilíbrio acrobático);
- tecido - inversão no tecido liso com figuras e quedas simples (bloco acrobacias aéreas);
- lira - balanços, figuras da família das sereias² (bloco acrobacias aéreas);
- rola-rola - subir, equilibrar e descer;
- perna de pau - andar e equilibrar (bloco equilíbrio).

5 O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR

As apresentações circenses foram realizadas nos finais de tarde, às sextas-feiras. Assim, logo que o barco atracava, organizávamos o espaço, e o espetáculo tinha início. Vale mencionar uma exceção que se refere às apresentações com os equipamentos aéreos (tecido e lira). Devido à necessidade da instalação destes, processo que leva algumas horas, foi necessário dividir as modalidades, apresentando uma na sexta-feira à noite e a outra no sábado, para depois ocorrerem as vivências.

O propósito dessas apresentações se fundamentou no fascínio/encantamento que os espetáculos de circo exercem sobre o público, incluindo as crianças. Devido ao escasso e estrito conhecimento prévio dessas crianças sobre o circo, como vimos em parte nos desenhos, a apresentação artística representa também

² As pernas são firmemente unidas, como se estivessem formando o rabo de peixe de uma sereia. Na sereia externa, o corpo rola para fora da lira, a frente do corpo fica exposta ao exterior. Na sereia interior, o corpo fica paralelo à lira, com a frente do corpo no lado de dentro, próximo à lira.

uma maneira de aproximar essas crianças ao circo e, sutilmente, promover uma aproximação “poética e estética” a essa arte secular (BORTOLETO, 2011).

As notas registradas no Diário de Campo (QUADRO 1) revelam algumas das impressões, ou reações, expressas durante as apresentações:

Quadro 1 – Notas sobre o encantamento

Apresentação	Expressões
Palhaçaria e malabarismo	“Um palhaço de verdade.” “Uia!” “Olha!” “Ala! Vôti!” “Ele roubou a bolinha do outro, você viu?”
Trio acrobático	“Vôti!” “Uau, um mortal.” “Fica quieto, eu quero assistir” “Eles são super-heróis.”
Cubo gigante	“Tá no queixo dele!” “Que massa.” “Ala! Vôti!”
Tecido acrobático	“Ala! Vôti!” “Senti meu coração batendo” “Deu um medinho”
Cordas duplas	“Esse é fácil!” “Dá vontade de pular!”
Lira	“Que lindo!” “É maravilhoso!” “Um bambolê gigante.” “Ai, essa doeu.”
Perna de pau	“Como ele tá grande”. “Pega nas nuvens”.

Fonte: elaborado pelos autores.

Notamos, por meio das falas das crianças durante as apresentações, bem como observando suas reações (o brilho nos olhos e o sorriso largo), impressões que, a nosso ver, demonstram que o circo de fato encantou os alunos da Escola Jatobazinho como prevíamos. Entendemos que, de algum modo, essas crianças foram comocionadas no sentido indicado por Rodrigues (2007, p. 13): “As atrações circenses contaminam pela emoção. É um ambiente onde tudo é possível. Nesse espaço há um despertar do corpo para as manifestações de alegria, riso e fantasia; transformando a condição humana em fascínio pelas práticas corporais.”

Anteriormente, vimos o registro da expressão “Ala! Vôti!” (QUADRO 2), a qual foi dita por diversas crianças em todas as apresentações. No contexto pantaneiro, essa interjeição é muito utilizada em situações de espanto, surpresa. Parece-nos, portanto, que os espetáculos trouxeram “o inesperado” para a realidade escolar.

Com respeito ao espetáculo, percebemos que o número inicial de palhaço, seguido pelos malabarismos, converteu-se em um momento ímpar de magia e de gargalhadas, construindo uma mudança de estado às sextas-feiras no que tange às crianças – uma espécie de “envoltório sensorial” que se relaciona ao extraordinário debatido por Almeida (2008).

Por outro lado, as acrobacias aéreas representaram a epifania do projeto com muitas palmas e gritos, com inúmeros momentos de “respiração presa e frio na barriga”. Dito de outra forma, “Senti meu coração batendo”, conforme a fala de uma das crianças durante uma queda no tecido. Entendemos que os corpos sus-

pensos “desafiam” a gravidade em um espaço intangível, despertando uma sensação de encantamento através do extraordinário de alcançar o inalcançável e preencher um espaço vazio no ar (EVRARD, 2017). Da mesma forma, a apresentação de lira encantou sobremaneira. A estética dos movimentos, o corpo do artista de cabeça para baixo gerou múltiplas expressões, como: “Que lindo!”, “É maravilhoso!”. Sem dúvida, as sensações de surpresa e encantamento foram muitas.

Outro momento que gerava muitos aplausos era a execução do salto mortal na apresentação do trio acrobático. No sentido dado por Soares (2001), vimos novamente o/a aluno/a expectador/a presenciando aqueles artistas/acadêmicos desafiando os seus limites, jogando com a gravidade e expondo-se ao risco. Coincidimos, pois, que “[...] a transgressão do e a realização do impossível acabam sendo as características básicas do espetáculo circense [...] a proeza delimita o extraordinário.” (BOLOGNESI, 2003, p. 187).

De modo geral, as falas das crianças registradas no diário de campo expressam um conjunto de sentimentos/percepções positivas de encantamento. Os sorrisos, as gargalhadas, a surpresa, e até mesmo os muitos momentos de “retenção da respiração”, faziam parte desses momentos extraordinários.

5.1 Impactos educativos: a representação do circo

Como indicado anteriormente, após a última visita à escola, solicitamos aos professores regentes que pedissem às crianças que fizessem novamente desenhos, de modo que, numa parte da folha, representassem o circo e, na outra, desenhassem o papel/ocupação que assumiriam se fossem artistas circenses. Vimos então (QUADRO 3) um aumento expressivo nas representações de modalidades circenses:

Quadro 2 – Registros de diferentes modalidades circenses

Modalidade	Quantidade
Corda	06
Cubo	03
Lira	11
Malabares	05
Monociclo	06
Palhaço	12
Perna de pau	02
Rola-rola	01
Tecido acrobático	08

Fonte: elaborado pelos autores.

Cabe recordar que um dos objetivos do referido projeto era ampliar o conhecimento dos alunos da Escola Jatobazinho sobre o circo, uma vez que tínhamos previamente identificado um escasso conhecimento acerca desse tema, como mostramos na análise dos desenhos realizados antes do desenvolvimento do projeto. Os desenhos posteriores mostram uma situação muito diferente. A

título de exemplo, ressaltamos a representação de palhaço: não cabem dúvidas de que a figura do palhaço circense compõe um papel central no circo brasileiro (BOLOGNESI, 2003); no entanto, nenhum desenho inicial o indicava. Já nos desenhos posteriores, o palhaço foi lembrado em 12 desenhos, mostrando a eficácia simbólica, sua potência no imaginário coletivo e, conseqüentemente, o impacto do projeto na educação artístico-estética (FOUCHET, 2006; ZAIM-DE-MELO; GODOY; BRACCIALLI, 2020).

Durante a análise dos desenhos feitos no final do projeto, em especial no item “Se eu fosse um artista de circo, eu seria”, observou-se que as crianças não hesitaram em mostrar suas inspirações para serem acrobatas (de solo, de tecido ou de lira), equilibristas em pernas de pau, malabaristas e palhaços. De modo mais específico, tivemos 21 crianças – quase metade delas – desenhando que queriam ser acrobatas aéreas de lira e outras 12 de tecido acrobático.

Com base no exposto, cremos que as vivências em atividades circenses revelaram um enorme entusiasmo das crianças. O encanto pelas modalidades aéreas, lira e tecido, foi notável para os alunos da Jatobazinho. Do ponto de vista prático, o tecido teve melhor aceitação e participação.

Um desenho em particular chamou nossa atenção. Nele, a “magia do circo” (DUPRAT; PÉREZ-GALLARDO, 2010), sua potencialidade de transgressão das experiências cotidianas e de realização do impossível (ALMEIDA, 2008) ficaram latentes (FIGURA 4):

Figura 4 – Trio acrobático e desenho “pós-projeto”



Fonte: registrada pelos autores.

Em suma, quer seja quando acompanharam o circo como espectadores, quer seja quando tiveram a oportunidade de vivenciar essa linguagem de modo prático, notamos que as crianças tiveram a oportunidade de experimentar seu corpo de um modo “novo”, se considerarmos que havia um restrito contato com o circo anteriormente. Não cabe dúvidas de que muitas vezes foi necessário superar o medo, dar tempo para o estranhamento passar, levantar após uma queda, lutar para conseguir subir no tecido, para equilibrar-se sobre a perna de pau e tentar novamente após derrubar o objeto quando jogava malabares. Assim, essas crianças foram desafiadas pelo circo e mostraram uma resposta altamente positiva que corrobora diversos estudos anteriores (ONTAÑÓN; BORTOLETO; DUPRAT, 2013).

6 UN “GRAN FINALE”

Quando concebemos o projeto *O circo vai a uma escola das águas*, pretendíamos levar o circo aos alunos da Escola Jatobazinho, transformando essa instituição, por alguns momentos, num espaço artístico, tendo o Rio Paraguai como parte da cenografia. Buscávamos, ainda, oportunizar “aulas de educação física” inovadoras, com uma temática diferente, atrativa e que oferecesse novas experiências estéticas.

Assim, durante seis meses, uma sexta-feira e um sábado por mês, como dissemos anteriormente, no crepúsculo pantaneiro, os espetáculos e as vivências criaram uma nova “redoma sensorial”, como sugere Almeida (2008), além de aproximar crianças e educadores a uma parte importante do patrimônio cultural da humanidade, o circo (BORTOLETO; CARVALHO, 2003). Vimos, ao longo deste projeto, uma forte transformação no imaginário, manifestado nas conversas, nos relatos, nas brincadeiras – e nos desenhos – com o mesmo espírito lúdico ressaltado por Soares (2001). Ademais, vimos crianças que abraçaram as atividades circenses, explorando diversas potencialidades de seus corpos, rindo, tendo medo e superando-se em brincadeira atrás de brincadeira, como sugerem Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011).

Os objetivos propostos originalmente (descrever o encontro das crianças com o circo; ampliar o acervo cultural; oportunizar vivências, atividades circenses; descrever o impacto da atividade circense) foram alcançados de modo notável. A surpresa (FIGURA 3), o encantamento e o empoderamento após fazerem aquilo que haviam visto certamente modificaram a realidade dessas crianças, mostrando uma educação corporal, ou uma educação física, ainda mais atrativa.

Figura 5 – Expectativa



Fonte: registrada pelos autores.

Diante de tais questões, as práticas relacionadas ao malabarismo, às atividades aéreas e acrobáticas permitiram o desenvolvimento corporal e a aproximação das crianças com o universo outrora distante e muitas vezes inimaginável. Desses encontros, emergiu um duplo movimento de conhecimento, tanto por parte das crianças que recebiam tais atividades, como por parte dos artistas que se deparavam com esse novo universo.

Assim, elencamos o que se aviva diante de tal estudo:

- a) para as crianças - a disposição do corpo enquanto objeto do próprio brincar, explorando novas possibilidades de ação e trabalhando com todos os aspectos já tão discutidos dentro da Educação Física (desenvolvimento motor, lateralidade, expressão corporal, tempo de reação, entre outras);
- b) para a área - fica em evidência a necessidade de aprimorar e ressignificar a Educação Física, abrir espaço para novas concepções de ensino que extrapolem as já utilizadas. Exemplo disso está nas falas dos próprios alunos, que, em outros momentos, desconheciam tais atividades; no entanto, ao terem contato com o circo, puderam desfrutar de novas experiências, e isso se tornou possível mediante um projeto idealizado por um grupo de docentes e discentes de um curso de Educação Física. O que fica disso tudo? A necessidade de explorar para além dos caminhos já trilhados e abrir espaço a novas experiências possíveis.

Por isso, esperamos seguir mostrando “corpos suspensos”, “artistas que se arriscam”, “acrobatas que voam”, “malabaristas que surpreendem” para mais e mais crianças, das águas ou da cidade, do interior ou da cidade grande. Pretendemos que a “magia do circo” (BORTOLETO, 2008; FOUCHET, 2006) esteja mais e mais presente nas escolas e, de modo específico, nas aulas de Educação Física, combinando, sempre que possível, a experiência artística (espetáculos) com a prática (vivências).

Dessa forma, nossa charanga deixou a Escola Jatobazinho, momentaneamente, e, ao contrário do que erroneamente sugere a música de Sidney Miller, deixamos claro que o circo não morreu; aliás, continua vivo, e muito vivo, projetando alegria nos corações e alimentando sonhos e transformações. Algo que certamente pode ser combinado com o propósito educativo, exigindo planejamento, critérios e formação, envolvendo educadores, instituições e a comunidade em prol da cultura e da educação corporal e estética.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. G. V. *Ritual, risco e arte circense: o homem em situações-limite*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.
- ÁVILA, F. S. *Território circense*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96698>. Acesso em: 30 jun. 2021.

- AYALA, D. J. P.; ZAIM DE MELO, R. Repensando a prática pedagógica: as atividades circenses como conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de educação física: a visão docente. *EFDeportes.com*: revista digital, Buenos Aires, v. 17, n. 172, set. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd172/atividades-circenses-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BARRAGÁN, T. O.; BORTOLETO, M. A. C. Todos a la pista: el circo en las clases de educación física. *Apunts. Educação Física e Esportes*, Barcelona, v. 1, n. 115. p. 37-45, 2014. DOI: [apunts.2014-0983.es.\(2014/1\).115.03](https://doi.org/10.1016/j.apunts.2014.09.003). Disponível em: <https://revista-apunts.com/todos-a-la-pista-el-circo-en-las-clases-de-educacion-fisica/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BOLOGNESI, M. F. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A. A etnografia da escola: entrelaçando vozes, sujeitos, conhecimentos e cultura. *Periferia*, Duque de Caxias, v. 11, n. 2, p. 404-423, 2019. DOI: [10.12957/periferia.2019.39126](https://doi.org/10.12957/periferia.2019.39126). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39126>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 43-55, jul. 2011.
- BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). *Dicionário crítico de educação física*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 60-64.
- BORTOLETO, M. A. C. *Introdução à pedagogia das atividades circenses*. Jundiaí: Fontoura, 2008.
- BORTOLETO, M. A. C. Um encontro entre o funambulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. In: FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. (org.). *Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais*. Curitiba: CRV, 2017. p. 33-54.
- BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. *Circo: horizontes educativos*. Campinas: Autores Associados, 2016.
- BORTOLETO, M. A. C.; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. *Jogando com o circo*. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.
- BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a educação física. *Corpoconsciência*, Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003.
- CARDANI, L. T.; ONTAÑÓN, T. B.; RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas (SP). *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Distrito Federal, v. 25, n. 4, p. 128-140, 2017. DOI: [10.18511/rbcm.v25i4.7723](https://doi.org/10.18511/rbcm.v25i4.7723). Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7723>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CORDEIRO, L. V. S. *Práticas circenses na formação corporal do ator*. Matinhos, PR: UFPR, 2012.
- DUPRAT, R. M. BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, p. 171-189, 2007.

- DUPRAT, R. M.; PEREZ-GALLARDO, J. S. *Artes circenses no âmbito escolar*. Ijuí: Unijuí, 2010.
- EVARD, B. *Espaço em movimento: cenografia e circo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: 10.11606/D.27.2017.tde-30052017-114818. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-30052017-114818/pt-br.php>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- FERNANDES, J. A. M.; RIBEIRO, O. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. Lazer e espaços públicos: o circo como opção. *Licere*, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 165-184, 2016. DOI: 10.35699/1981-3171.2016.1290. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1290>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- FOUCHET, A. *Las artes del circo: una aventura pedagógica*. Buenos Aires: Editora Stadium, 2006.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2013.
- HOSHINO, C. Pedagogia da alternância garante educação de crianças no campo. *Lunetas*, [S. l.], 18 jun. 2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/pedagogia-da-alternancia-garante-educacao-de-criancas-no-campo/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- INSTITUTO ACAIA. *Relatório anual 2018*. São Paulo: Instituto Acaia, 2018.
- LOPES, D. C.; SILVA, E. Trajetórias circenses: a produção da linguagem circense por membros da família Chiarini na América Latina nos anos de 1829 a 1840. *Ensaio geral*, Belém, v. 3, n. 3, p. 43-64, 2014.
- MACHADO, R. X.; BRATICEVIC, S. I. O turismo na estrada parque pantanal, Corumbá, Brasil. *GeoPantanal*, Corumbá, v. 12, número especial, p. 461-74, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/4683>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- MAGNANI, J. G. C. O (velho e bom) caderno de campo. *Sexta-feira*, São Paulo, n. 1, p. 8-11, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5751443/mod_resource/content/1/Magnani_caderno_de_campo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.
- MIRANDA, R. C. F.; AYOUB, E. As práticas circenses no “tear” da formação inicial em educação física: novas tessituras para além da lona. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 187-198, 2016. DOI: 10.22456/1982-8918.55179. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/55179>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- OLIVEIRA, F. R. *Os nexos da educação integral no pantanal de Corumbá, MS: práticas de ensino na escola Jatobazinho*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2018. Disponível em: <https://ppgecpn.ufms.br/francisca-renata-oliveira-os-nexos-da-educacao-integral-no-pantanal-de-corumbams-pratica-de-ensino-na-escola-jatobazinho/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C.; DUPRAT, R. Las actividades circenses como contenido de la educación física. *Revista Acción Motriz*, [S. l.], n. 11, p. 13-30, 2013.

PERALES FRANCO, C. Abordagem etnográfica à convivência na escola. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 887-907, 2018. DOI: 10.1590/2175-623674800. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/3gPk5MDzCCf4ghFhXcMyMd/?lang=en>. Acesso em: 30 jun. 2021.

RODRIGUES, L. F. *Representação das atividades circenses na escola*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007.

SANTO, A. L. E.; NASCIMENTO, R. F.; ALMEIDA, R. B. F. Malabares: um olhar sobre a fronteira Brasil/Bolívia. *Perspectiva Geográfica*, Curitiba, v. 11, n. 15, p. 13-22, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/16314/11076>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SILVA, E.; ABREU, L. A. *Respeitável público... o circo em cena*. Rio de Janeiro: Edições Funarte, 2009.

SOARES, C. L. Acrobacias e acrobatas: notas para um estudo do corpo. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (org.). *Representações do lúdico*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 33-42.

SOUZA JUNIOR, A. F. Atividades circenses no ensino fundamental: uma possibilidade na educação física escolar. *Conexões*, Campinas, v. 16, n. 4, p. 600-614, 2018. DOI: 10.20396/conex.v16i4.8650704. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8650704>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LIPORONI, M. O.; PALMEN, M. J. H.; DI CAVALLOTTI, T. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 01-16, jan./abr. 2010. DOI: 10.5216/rpp.v13i1.6729. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6729>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TUCUNDUVA, B. B. P.; BORTOLETO, M. A. C. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, p. 250-255, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.88131. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/88131>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, A. *Elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

ZAIM-DE-MELO, R. A cultura lúdica no banho de São João. *Athlos*, [S. l.], v. 16, ano 8, p. 73-81, jan. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6837392>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZAIM-DE-MELO, R. *Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma "Escola das Águas"*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://ppgecpn.ufms.br/files/2017/11/tese-certificada.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZAIM-DE-MELO, R.; DUARTE, R. M.; SAMBUGARI, M. R. do N. Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma "escola das águas". *Pro-posições*, Campinas, v. 31, p. 1-26, 2020. DOI: 10.1590/1980-6248-2018-0052. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100504&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZAIM-DE-MELO, R.; GODOY, L. B.; BRACCIALLI, F. Quando o nariz vermelho se encontra com a educação física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-20, jul./dez. 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76909. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76909>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZAIM-DE-MELO, R.; RIZZO, D. T.; GOLIN, C. H. A influência das atividades circenses na formação de professores de educação física: um estudo a partir de projetos de extensão. *Revista Cocar*, v. 13, n. 27, p. 1064-1079, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2885> 2019. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZERLOTTI, P. H. *Os saberes locais dos alunos sobre o ambiente natural e suas implicações no currículo escolar: um estudo na Escola das Águas - Extensão São Lourenço, no Pantanal de Mato Grosso do Sul*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/14030-patricia-zerlotti.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Recebido em: 27 jul. 2020

Aceito em: 19 abr. 2021